

Irritado com as críticas que vêm sendo feitas ao País no Exterior, por causa da moratória, o presidente Sarney desabafou ontem: os credores terão de ceder, ou não haverá acordo algum. Ao mesmo tempo, como você verá nesta página,

o ministro Bresser viajava para levar uma nova proposta de negociação aos bancos. Nas páginas 9 e 10, as mudanças que o governo está estudando no reajuste dos aluguéis, por causa da expectativa de uma elevação na

inflação nos próximos meses. Veja também a opinião de um economista para quem os empresários brasileiros precisam encarar a realidade e reduzir suas margens de lucros.

Sarney: mais recursos ou fica tudo como está.

Irritado com as críticas dos credores, ele diz que o País vai negociar, “mas sem precipitações”.

Ou chegamos a um acordo que resulte na suspensão imediata da moratória e na retomada dos fluxos de recursos externos ou fica tudo como está. Foi assim que o presidente da República, José Sarney, expressou ontem a posição do governo brasileiro, manifestando ao mesmo tempo a intenção de “negociar, mas sem precipitações” e garantindo que o Brasil “não vai efetuar nenhum pagamento simbólico” aos credores no Exterior. Com essas palavras, Sarney estava dando vazão, ontem, no Palácio do Planalto, à sua irritação com algumas opiniões depreciativas sobre o Brasil, publicadas na imprensa estrangeira.

Apesar do desabafo, Sarney acredita no êxito das negociações com os bancos privados no Exterior, pois julga que, de um modo geral, são favoráveis as reações aos programas de ajustamento da economia do País. Entretanto, não se sente satisfeito com o empenho dos governos dos países ricos na busca de uma solução para o problema da dívida externa do Terceiro Mundo e, em particular, com as atitudes tomadas pelo Clube de Paris (que reúne os bancos oficiais dos principais países envolvidos).

Segundo avaliação feita ontem pelo porta-voz do Palácio do Planalto, Antônio Frota Neto, o quadro das negociações externas do Brasil com os seus credores não está estático. Houve — explica — alguns progressos, como demonstra o convite formulado pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, para que o ministro Luiz Carlos Bresser Pereira comparecesse a Wa-



Sarney: “sem pagamentos simbólicos”.

shington para discutir com ele a questão da dívida. Para Frota Neto, embora alguns interpretem o convite de Baker como uma “intimação” não há nenhuma dúvida de que se trata de um gesto positivo, pois significa um recuo na posição do governo norte-americano de encarar a dívida externa dos países do Terceiro Mundo como uma questão técnica, passando a tratá-la politicamente, que é o que sempre quis o governo brasileiro.

Solução política

A busca de uma solução política para o problema da dívida externa ou do Terceiro Mundo, segundo Frota Neto, já conta com

simpatia dos governos japonês e alemão ocidental e, agora, como demonstra a atitude de James Baker, começa a atrair também os Estados Unidos.

Sobre as recomendações feitas pela revista inglesa **The Economist** para que os banqueiros internacionais não mais emprestem dinheiro ao Brasil, o porta-voz do Palácio do Planalto diz que este tipo de atitude não surpreende o governo brasileiro, que reconhece aí uma atitude desesperada diante da paciência demonstrada pelo Brasil e da coragem do governo brasileiro ao declarar a moratória. É também uma forma de tentar intimidar os brasileiros na hora da negociação, coisa que — garante — não vai funcionar. Para Frota Neto, os argumentos apresentados pela revista inglesa são tão frágeis que não se apóiam em nenhuma constatação técnica. Os articulistas do **The Economist** preferiram optar pelo julgamento de valor, pelo argumento político, num claro reconhecimento de que, tecnicamente, o governo brasileiro está coberto pelos últimos programas de ajustamento que têm determinado na economia interna do País.

Abrindo o leque

Antes de deixar o Brasil, o ministro Bresser Pereira recebeu determinação expressa do presidente Sarney no sentido de abrir ao máximo o leque de negociações com os credores do País. “Vamos explorar todas as linhas possíveis de negociação” — foram os termos textuais utilizados pelo presidente da República.